

# A AUTORREFERÊNCIA E A TEMATIZAÇÃO DA MÃE JUDIA NAS CRÔNICAS DE MOACYR SCLIAR

Lemuel de Faria Diniz\*  
Grasiele Reisdörfer\*\*

**Resumo:** Moacyr Scliar (1937-2011) é um imortal da Academia Brasileira de Letras. Seu destaque deu-se, principalmente, a partir de suas crônicas contemporâneas de assuntos cotidianos contemplados com humor, reflexão e ironia. Dentre seus escritos, percebe-se a autorreferência em muitas de suas produções, sendo que, dentre as influências, constam a temática da migração e do judaísmo. Nesse trabalho, pretende-se demonstrar como Scliar insere a temática da mãe judia em suas crônicas a partir das experiências que ele teve com sua mãe. Nas palavras de Moacyr Scliar, a mãe judia teve, na América, suas energias grandemente multiplicadas, tornando-se a superalimentadora e superprotetora, pontos que o autor considera característicos para que uma mãe seja considerada judia. Moacyr exerceu uma literatura autorreferencial durante toda a sua vida, constatações realizadas também por autores como Zilberman (2009) e Fischer (2004). Essa literatura biográfica e confessional da relação com sua dedicada mãe e sobre a temática de mães, no geral, esteve presente em toda a sua obra literária, mas é no livro *Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar* que o autor concentra suas crônicas sobre mães. A

---

\* Professor do Curso de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Câmpus de Coxim. Doutor em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. E-mail: prlemuel@hotmail.com.

\*\* Possui Licenciatura em Letras Espanhol e Literaturas - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) (2007-2010). É mestranda em Educação (Unilogos). É Especialista em Linguística Aplicada e Ensino de Línguas pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), sendo esse artigo o texto apresentado para conclusão do referido curso.

presente pesquisa constituiu-se a partir de levantamentos qualitativos bibliográficos das obras do escritor Moacyr Scliar e concentrou-se na temática de sua autorrepresentação sobre o sentimento maternal das mães e especificamente das mães judias. Ao final, constatou-se a expressão de carinho e comoção que o autor demonstra em relação à sua mãe, a qual em suas próprias palavras, era verdadeiramente uma mãe judia, autêntica alimentadora e zelosa.

**Palavras-chave:** Moacyr Scliar. Crônicas. Autorreferência. Judaísmo. Mãe judia.

**Resumen:** Moacyr Scliar (1937-2011) es un inmortal de la Academia Brasileña de Letras. Su protagonismo se debió principalmente a sus crónicas contemporáneas de lo cotidiano contempladas con humor, reflexión e ironía. Entre sus escritos, la autorreferencia es perceptible en muchas de sus producciones, y entre las influencias, está el tema de la migración y el judaísmo. En este trabajo se pretende demostrar como Scliar inserta el tema de la madre judía en sus crónicas a partir de las vivencias que tuvo con su madre. En las palabras de Moacyr Scliar, la madre judía, en América, había multiplicado enormemente sus energías, convirtiéndose en la súper alimentadora y súper protectora, características señaladas por el autor para una madre ser considerada una madre judía. Moacyr ejerció una literatura autorreferencial a lo largo de su vida, consideraciones también percibidas por autores como Zilberman (2009) y Fisher (2004). Esta literatura biográfica y confesional de la relación con su devota madre y sobre el tema de las madres, en general, era presente a lo largo de su obra literaria, pero es en el libro *Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar* que el autor centra sus crónicas de las madres. Esta investigación se constituyó a partir de cuestiones cualitativas y bibliográficas de las obras del escritor Moacyr Scliar y se centró en el tema de su autorrepresentación del sentimiento maternal de las madres y específicamente de madres judías. Al final, la expresión de cariño y emoción que el autor muestra hacia su madre, quien, en sus propias palabras, era verdaderamente una madre judía, autêntica alimentadora y celosa.

**Palabras clave:** Moacyr Scliar. Crônicas. Autorreferência. Judaísmo. Madre judia.

## Introdução

No conjunto da produção ficcional do escritor Moacyr Scliar (1937-2011) figuram mais de setenta livros de gêneros diferenciados, tais como romances, ensaios, crônicas, ficções infantojuvenis e contos. O escritor teve suas obras publicadas em mais de vinte nações e foi reconhecido quatro vezes com o “Prêmio Jabuti” (em 1988, 1993, 2000 e 2009), respectivamente, pelas obras *O olho enigmático* (categoria Contos), *Sonhos tropicais* (categoria Romance), *A mulher que escreveu a Bíblia* (categoria Romance) e *Manual da paixão solitária* (categoria Romance, também escolhida obra de Ficção do Ano). Foi colaborador em vários órgãos da imprensa no país, como a *Folha de São Paulo* e o *Jornal Zero Hora* (RS). Atuou como cronista, ainda, no *Correio Braziliense*, do Distrito Federal, de 2006 a 2011, escrevendo para o caderno “Diversão e arte”.

Moacyr Scliar é considerado um dos escritores mais representativos da literatura brasileira contemporânea, de acordo com sua biografia no Portal da Academia Brasileira de Letras, o qual conta como sétimo ocupante da Cadeira nº 31, eleito em 31 de julho de 2003. Seus pais tinham ascendência judaica e ele nasceu em Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul.

De acordo com informações veiculadas no Portal Academia Brasileira de Letras, duas influências são importantes na obra de Scliar. Uma é a sua condição de filho de imigrantes. Outra influência é a sua formação de médico de saúde pública. Sua ficção insere a temática do imigrante judeu e urbano no imaginário da literatura. Os temas dominantes de sua obra são a realidade social da classe média urbana no Brasil. Sua ficção insere a temática do imigrante judeu e urbano no imaginário da literatura sul-rio-grandense.

A partir das referências de filho de imigrante judeu, constata-se a visão do escritor em relação à prática de narração de histórias a

partir das suas experiências pessoais. Schneider (2011) menciona também a percepção da influência dos pais como contadores de histórias. Assim como eles, Scliar conta suas histórias com graça e humor e sabe transformar pessoas em personagens, acontecimentos em situações ou cenas. A atividade de contador de histórias é uma herança que ele traz desde a sua infância. Uma das temáticas mais recorrentes dos textos de Scliar, principalmente nas crônicas – gênero que tenho mais familiaridade – são as relações familiares. Em *O imaginário cotidiano* (2002), livro nos quais diversas crônicas estão compiladas, estão presentes os textos “Laços de família” e “Meu pai, meu pai, por que me abandonaste”. Nesse último se fala de um menino sofrido que está em busca do seu pai, que mal sabe que este irá se tornar um grande escritor.

### **A autorreferência nos textos de Moacyr Scliar**

Se é a partir dos relatos dos seus pais e familiares que Moacyr Scliar inicia a sua trajetória de contador de histórias, escritor, cronista, ficcionista e adorador da escrita e da literatura, pode-se afirmar que o processo autobiográfico é evidente em suas obras. O próprio escritor reconhece isso quando, em entrevista à pesquisadora Regina Zilberman, afirma que “todo autor é autobiográfico quando começa”. Referindo-se à sua primeira novela, cujo título é *A guerra no Bom Fim* (1972), o intelectual explica: “Não posso dizer que me retratei no personagem Joel, mas outros que ali aparecem são até figuras que realmente existiram. E o bairro [do Bom Fim, em Porto Alegre] era aquilo mesmo” (ZILBERMAN, 2009, p. 117-118). Fischer (2013) reitera que Scliar soube encontrar os temas para a sua obra naquilo que estava ao alcance de sua vida.

Na literatura autorreferencial verificam-se as inclinações do próprio autor nos seus escritos, relacionadas com a chamada literatura

confessional, conceito adotado por Maria Luiza Remédios. A autora infere as razões que movem o leitor: a curiosidade, a identificação com os problemas expostos pelo autor, a procura de uma consolação, a admiração por um herói, um artista, uma pessoa qualquer, partindo do pressuposto de que o leitor espera também se autoidentificar nas obras que lê. Assim, Remédios (1997) reitera que a literatura confessional é aquela que mais se aproxima do leitor, porque fala de um eu, de uma pessoa viva que ali se encontra e diante do leitor desnuda a sua vida, estabelecendo-se, então, uma perfeita união entre autor e leitor.

Nesse contexto, Derrida (2014) comenta que o que se reconhece como literatura deriva de convenções e intenções mais ou menos conscientes que se estabelecem do lado de quem escreve e são reconhecidas como tais do lado de quem lê. Mas essa legitimação do literário em momento algum se faz de forma homogênea, nem tem duração permanente no tempo ou no espaço.

Reconhecendo essa autorreferência desde a composição dos seus primeiros textos, Scliar deixa claro que o objetivo em muitos dos seus escritos é recriar – por meio dos recursos da arte literária – aprendizados, vivências e lembranças que teve com a sua própria mãe. Sobre seu modo de escrita, em entrevista à Zilberman (2009), Moacyr relata que no seu caso o processo criativo começa com algum “fator desencadeante”, que pode ser um episódio histórico, uma pessoa que conheceu, uma história que contaram, uma notícia de jornal, dentre outros.

O que resulta disso são textos muito interessantes do ponto de vista de conteúdo e de arte ficcional. Essa atitude não é isolada em sua produção, tal como pode ser visto quando Scliar participou da elaboração de um projeto editorial a oito mãos, sob encomenda da Companhia das Letras. Intitulado *Vozes do golpe*, esse projeto incluía a produção uma tetralogia que abrangia dois relatos pessoais e duas

histórias de ficção sobre o golpe militar de 1964. Cada um dos seguintes escritores ficou responsável pela escritura de um dos livros da tetralogia: Moacyr Scliar, Luis Fernando Verissimo, Zuenir Ventura e Carlos Heitor Cony.

Nesse contexto, a obra elaborada por Scliar ficou intitulada como *Mãe judia, 1964*. Nesse conto, publicado em 2004, Scliar recria o monólogo de uma mãe que perdeu seu filho recentemente para a ditadura, e encontrava-se na capela de um hospital psiquiátrico. A “inspiração” de Moacyr veio de uma mulher que ele conheceu em seu início de carreira como médico. No texto literário se lê:

Quanto ao monólogo da mulher na capela, aqui está. Vais me desculpar, mas não pareces judia. Não uma judia como eu, pelo menos. Para começar, és bonita: pele lisa, feições delicadas, nariz pequeno, bem diferente do meu nariz judaico, grande, poderoso, um nariz que fareja mais coisas do que deveria farejar. Eu não sou feia, propriamente, mas estou muito castigada, pela idade e sobretudo pela vida. Olha a minha cara, olha as rugas, as olheiras... Castigada, sim. Sofri muito. E é por isso que a tua beleza me chama a atenção: sofreste, mas nem por isso o sofrimento aparece nas tuas feições. Sim, és bela. Só não me agrada muito tua expressão. Para o meu gosto, pareces meio desligada. Claro, as santas têm de ser desligadas mesmo, a santidade coloca a pessoa numa outra dimensão, distante desta em que vivemos nós, mortais pecadores; mas isso me incomoda um pouco, acentua a diferença entre nós. Não tens nada de judia, muito menos de judia sofredora. Não foi uma judia que serviu de modelo para o artista que fez a tua imagem. Aliás, grande artista não deve ter sido; caso contrário, não estarias na capela de um hospício, estarias num museu qualquer, as pessoas fazendo fila para te ver. (SCLIAR, 2004)

Neste trecho é possível identificar um pouco do que o autor compreende sobre a mãe judia, uma mãe sofrida, mas que é “apaixonada” pelo filho. Ser uma “mãe judia” abrange tantas particularidades que acaba se tornando como um conceito que precisa ser bem explicado e exemplificado, conforme se pretende fazer no decorrer desse texto. Esse tipo de mãe costuma aparecer em muitos dos textos scliarianos e merece uma reflexão.

Nesse artigo, não se pretende analisar todos os gêneros nos quais Scliar tematiza as mães. O que se pretende fazer é um recorte do conjunto da obra do autor. Desse modo, se procederá a uma leitura das crônicas scliarianas que tematizam as mães, mas se pretende organizar os textos em que, por meio da autorreferência, Scliar parte mais diretamente das vivências familiares com sua mãe para tecer seus textos ficcionais. Para procurar tornar essa pesquisa mais relevante, foi realizado também um trabalho de levantamento das crônicas de Scliar ainda não publicadas em livros.

### **A mãe judia nas crônicas de Moacyr Scliar**

No conjunto das crônicas de Scliar há textos que abordam a temática da mãe judia sem que o escritor esteja se referindo a sua mãe. Dentre esses textos se verifica “A doença e seu nome”. Publicado originalmente em 24/04/1999, foi compilado no livro *Território da emoção: crônicas de medicina e saúde*, editado em 2013. O assunto principal dessa crônica é refletir sobre a ansiedade dos pacientes em obter do médico o nome da doença que os acometeu. Refletindo sobre essa questão, num dado momento, Scliar lembra uma anedota que envolve a questão da mãe judia, universo que ele conhecia tão bem: “O que lembra a história da mãe judia que levou o filho a um psicanalista e insistia num diagnóstico. Depois de compreensível hesitação, o doutor disse que o rapaz sofria de complexo de Édipo”.

“Resposta da boa senhora: ‘Complexo de Édipo ou não, o importante é que ele ame sua mãe’” (SCLIAR, 2013, p. 216-218).

No conjunto da obra de Scliar, também há crônicas que abordam a maternidade, mas que não fazem qualquer menção à mãe judia. Selecionado para a Coleção Melhores Crônicas, os textos do escritor gaúcho foram compilados por Luís Augusto Fischer sob o título *Moacyr Scliar* (2004). Aqui se observam os seguintes textos “A mãe de Eva” (p. 325-326) e “Os sons do amor” (p. 316-317). Nestes são lembrados aspectos da maternidade, porém nenhuma reflexão referente à mãe judia. No escrito “A mãe de Eva”, Scliar questiona o sofrimento de Eva: não teve uma mãe para se espelhar, para cuidar e aprender, mas teve que ser mãe.

De modo semelhante, ocorre em “O ursinho, não”, publicada originalmente em 05/10/1998 e compilada no livro *O imaginário cotidiano*. Aqui também há o olhar médico, pois Scliar se vale de seus conhecimentos de médico para trazer à tona a discussão sobre as crianças que ficam grávidas. Isso é um problema social e Scliar, como médico social, assinala isso, que é também um assunto para alertar/conscientizar toda a sociedade. Nesse texto, Scliar aborda uma problemática polêmica - a criança que gera outra criança, a que se desapega do filho para a mãe cuidar, mas não desapega do ursinho. Um impacto de inocência e ingenuidade. Por fim, ainda pode-se mencionar o texto “Mães e antimães”, que foi publicada originalmente em 08/05/2010 no portal digital do jornal *Zero Hora*. Nesse texto ainda não editado em livro impresso, Scliar fala de mães biológicas e adotivas, além de criticar as mães desnaturadas, sádicas, que acabam gerando frustrações e sofrimentos nos filhos.

Como um intelectual muito preocupado em divulgar as características do judaísmo, Scliar escreveu diversos ensaios voltados a isso. Pode-se citar, por exemplo, os seguintes livros: *A condição judaica* (1985), *Caminhos da esperança*: a presença judaica no Rio Grande do

Sul (1990), *Se eu fosse Rothschild*: citações que marcaram a trajetória do povo judeu (1993) e *Judaísmo: dispersão e unidade* (1994). Um desses ensaios é a obra *Do Éden ao divã*: humor judaico. Esse livro, cuja seleção, organização e edição ficaram a cargo de Patrícia Finzi, Eliahu Toker e do próprio Scliar, contém uma compilação de textos do humorismo judaico bem como textos teóricos sobre o tema. Nesse livro, explica-se que a mãe judia é “a personagem mais típica do folclore judaico nos Estados Unidos. Devidamente transplantada da Europa [a mãe judia] teve, na América, suas energias grandemente multiplicadas, tornando-se a superalimentadora e a superprotetora” (SCLIAR; FINZI; TOKER, 1991, p. 113).

Além de trazer uma conceituação para a expressão “mãe judia”, o livro *Do Éden ao divã* apresenta trechos de obras nas quais essa personagem aparece. Desse modo, é transcrito um capítulo da obra *O exército de um homem só*. Publicada originalmente em 1973, nesse texto se lê a mãe do personagem Mayer Guinzburg encontrando muitas dificuldades para fazer o filho se alimentar. O narrador conta que Mayer costumava cerrar a mandíbula para não engolir a sopa. Mas, como a mãe judia não desiste nunca de seus filhos, ela percebeu que “houve uma época em que Mayer perdeu dois ou três dentes e ficou com uma falha; por ali nossa mãe derramava um pouco do líquido” (SCLIAR; FINZI; TOKER, 1991, p. 137-141).

Na crônica “O ocaso da mãe judia” há detalhes importantes a se considerar. Essa crônica foi obtida a partir de pesquisa no site do escritor. Ainda não foi editada em livro, sendo publicada originalmente no jornal gaúcho *Zero Hora*, no Caderno Donna, em 14 de maio de 2006. No texto, Scliar rememora que nos tempos bíblicos os hebreus “formavam uma sociedade tribal e patriarcal, mas havia nela lugar para matriarcas”, sendo que Sara, Rebeca, Lea, Raquel desempenharam importante papel na história hebraica. Apesar disso, pondera o escritor, “a mãe judia que figura nas historietas não é, porém, a matriarca bíblica”, já que esta é uma criação da diáspora da Europa

Oriental nos séculos 19 e 20. Nesse contexto, “os judeus viviam então no shtetl”, uma pequena e pobre aldeia assim organizada: o chefe de família trabalhava fora de casa, exercendo uma profissão humilde, podendo ser alfaiate, sapateiro, leiteiro ou pequeno agricultor. A família era numerosa e ficava o dia todo aos cuidados da mãe, “que não tardou a desenvolver um perfil próprio, o perfil de uma mulher ansiosa, superprotetora, alimentadora”. Surge aqui o entendimento do que seria a mãe judia. Scliar prossegue:

Razões para ansiedade não faltavam: a pobreza, a doença, a ameaça constante dos progroms. A superproteção vem daí, da precariedade desta existência. Proteger significava cuidar, abrigar, defender – mas significava sobretudo alimentar. A ameaça de fome era real, como o era a ameaça das doenças associadas à desnutrição. [...] Ao emigrar para a América os judeus mantiveram este modelo. No Lower East Side, da Nova York, no Once, de Buenos Aires, no Bom Retiro, de São Paulo, no Bom Fim de Porto Alegre, o modo de vida do shtetl foi por longo tempo preservado. O pai judeu continuava sendo o alfaiate, o marceneiro, o pequeno lojista; a mãe judia continuava sendo a ansiosa superprotetora e alimentadora. No Bom Fim, não era raro ver mães correndo atrás dos inapetentes filhos com um prato de comida em plena rua. (SCLIAR)

Esse fragmento da crônica é bem esclarecedor, pois traça um histórico do surgimento da mãe judia. Nesse mesmo texto se lê que “mãe judia que se preze nunca comeria sem dividir o alimento com os filhos”. Ao término da crônica “O ocaso da mãe judia”, o escritor gaúcho explica que atualmente, com as modernidades como a Internet, não é possível que as mães continuem sendo “judias” no sentido de serem excessivamente protetoras, atenciosas, alimentadoras. Scliar finaliza dizendo que agora as mães correm no parque de tênis e camiseta e não mais atrás dos filhos com um prato de sopa.

No conjunto dos textos de Scliar, o início da crônica “O depoimento de uma mãe” (SCLIAR, 1996, p. 65-69) traz as mesmas informações contidas no texto “O ocaso da mãe judia”. Interessante observar aqui que, com exceção dos dois primeiros parágrafos, o restante da crônica está no formato de entrevista. Acontece um hibridismo textual. Essa característica pode ser percebida na obra de Rubem Braga, sobre o qual o teórico Afrânio Coutinho afirmou que “muitas de suas crônicas são poemas em prosa” (COUTINHO, 2004, p. 133). Ou seja, o cronista pode lançar mão desse recurso de mistura de gêneros textuais diferentes na composição do seu texto. A crônica “Em homenagem ao Dia das Mães – O regimento interno da família – (Tal como visto pelas próprias mães)” (2004) também tem um formato diferente, é um formato semelhante a um regimento. Quanto ao conteúdo de “O depoimento de uma mãe”, trata-se do depoimento de uma mãe judia, que teve o filho preso. O texto mostra que, apesar de seu filho seguir por um caminho diferente do esperado, o amor da mãe ainda é incondicional. Ao falar da mãe judia nesse texto, Scliar comenta que elas já possuem uma posição especial e até folclórica quanto à superproteção e carinho.

Em entrevista ao Programa “Roda Viva” da TV Cultura exibido em 16/08/2010, aos 58 minutos de entrevista, Scliar comenta: “eu tive uma mãe judia, surpreendentemente judia, pois era culta, era uma mulher formada, não era dessas mulheres assim ingênuas, humildes, mas, mesmo assim, ela era uma mãe judia, ela era uma alimentadora contumaz”. Em seguida, o autor ainda reforça que nunca soube o que é a expressão “sentir fome”, e que os seus amigos não judeus comentavam que estavam com fome, e que ele até sentia inveja. Moacyr encerra falando que sua mãe sempre estava atrás dele com um prato de comida ou com a sua sopa, que é o alimento mais nutritivo do mundo, segundo o escritor, e que com uma mãe dessas, inevitavelmente ele teve que fazer ficção. Ou seja, na carreira literária de Scliar comparece com força a autorreferência que se estabelece quando o

escritor relembra sua mãe. Um dos muitos exemplos disso é o texto “História de mãe”. Publicada originalmente em 08/05/1988, e posteriormente compilada no livro *A poesia das coisas simples* (2012), essa crônica é a primeira que encontramos abordando a temática da mãe judia. Ou seja, pode-se afirmar que, no mínimo Scliar abordou esse assunto desde o ano de 1988. Nesse texto, após rememorar algumas historietas sobre mães judias preocupadíssimas com a nutrição de seus judeuzinhos, ele termina a crônica desta forma comovente:

Esta história, naturalmente, homenageia a memória de Sara Scliar, que saltava da cama para fazer comida para o filho, que levantava de madrugada para estender a massa e que deve estar em algum lugar deste vasto universo (incluindo o polo Norte) com um prato de sopa quente para seus filhos. (SCLIAR, 2012, p. 212)

Mas a lembrança de sua mãe não fica restrita ao texto acima. Na crônica “Mãe, por incrível que pareça, é só uma”, Scliar brinca com as possibilidades de se criar uma mãe artificial, uma mãe robô. Na narrativa, comenta que haveria muita dificuldade em conseguir reproduzir mães que tivessem habilidades que iriam desde verificar febre, ter bons ouvidos para escutar o choro de longe, bons olhos para perceber a tristeza, braços fortes para carregar uma criança embalando a noite inteira, nunca deixar faltar a comida e assim por diante. E novamente o autor volta-se para sua autorreferência familiar: “duvido que consigam fazer uma mãe verdadeira. Duvido que consigam fazer uma mãe como foi a minha mãe” (SCLIAR, 1996, p. 56).

### ***Pietá e o Casaco Perdido***

Nessa última seção do artigo, valendo-se das nossas preferências de leitura, pretende-se apresentar melhor duas crônicas que em nossa ótica a autorreferência nas questões da mãe judia se faz mais marcante.

Inserida no livro *Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar*, “Pietà” é uma crônica comovente na qual se verifica a autorreferência em sua elaboração. Nesse texto Scliar fala como foi perder a sua mãe para o câncer. Tomado por extremo sentimentalismo, o autor inicia seu texto deixando claro que não há drama maior que o sofrimento de uma mãe que carrega o filho morto nos braços. Lembra, então, a morte esculpida na frieza do mármore, referindo-se à então escultura *Pietà* de Michelangelo:

Talvez não exista imagem mais dramática, mais dilacerante de amor materno que a Pietà, de Michelangelo. A Mãe que segura o filho morto ao colo traduz, apesar de frieza do mármore (ou justamente por causa dela, por causa do contraste que proporciona aquela superfície lisa, branca e fria com o medonho sofrimento), toda a dimensão que pode atingir esta que é a mais singular das formas de amor, o amor que a natureza criou para assegurar a perpetuação da espécie. (SCLIAR)

Em muitas entrevistas, o escritor afirma que foi através de sua mãe que ele adquiriu o gosto pela leitura. Que mesmo pobres, não faltava dinheiro para os livros. E é em homenagem às mães e, também, aos pais, que o autor explica o título do livro, retirado do trecho do samba de Adoniran Barbosa – *Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar*. Na introdução dessa obra, Scliar explica que, de maneira geral, os pais não dormem. Desde os gemidos dos bebês até a fase das festas adolescentes, os pais fingem dormir, mas sempre estão preocupados com os filhos.

Voltando ao conteúdo da crônica, Scliar completa dizendo que não há amor mais incondicional que o de uma mãe, e ainda assim, as mães morrem. A partir disso, Scliar relata o intenso sofrimento que teve na morte de sua mãe, uma autêntica “mãe judia” que tanto cuidou dele. Quando sua pobre mãe estava prestes a falecer tomada por um câncer – Moacyr a segurou nos braços e sentiu piedade – *pietà*.

E, assim, finaliza ressaltando a necessidade que os filhos possuem em cuidar de suas mães, de se reconhecer e perceber as fragilidades das mães. E que, para tanto, deve-se fazer isto com a mesma paciência que Michelangelo esculpiu *Pietà* (SCLIAR, 1996, p. 44-46). Nesse texto, o olhar médico também se faz presente, pois ele é um médico que não consegue salvar sua própria mãe.

A outra crônica tocante é “O casaco perdido”. Postada no site do jornal *Zero Hora* em 26/03/2014 e ainda não editada em livro, nesse texto Scliar comenta acerca do sentimento de culpa que abrange a mãe judia.

A matinê de domingo à tarde era um programa ansiosamente esperado pela turma do Bom Fim. Filmes de aventura, desenhos animados, aquilo excitava nossa febril imaginação; acorriamos em massa aos dois cinemas do bairro, o Baltimore, na Oswaldo Aranha, em frente ao parque, e o Rio Branco, na Protásio Alves. Ao Baltimore, próximo à minha casa, eu ia sozinho; quando se tratava do mais distante Rio Branco, minha mãe me levava e me buscava. Uma tarde o filme terminou e ela não apareceu. Tinha se atrasado; essas coisas que aconteciam com as sobrecarregadas mães de família. Fiquei andando pelas cercanias do Rio Branco, na Rua Miguel Tostes (que então se chamava, e, como vocês já verão, não sem simbólica ironia, Rua Esperança) quando ela finalmente surgiu, aflita como qualquer culpada mãe judia. Depois do alívio que sentiu ao me ver, uma estranheza: onde estava o meu casaco? (SCLIAR)

Como mãe judia, a mãe de Scliar se culpava pelo atraso em buscá-lo no cinema e isso se deveu ao seu excesso de compromissos domésticos. Nesse texto, Moacyr fala também de frustração. Da sua própria frustração quando sua mãe esqueceu de buscá-lo no cinema. Que inclusive, em um ato de revolta impensada, que ele acredita ter sido em razão do esquecimento de sua mãe, ele deve ter soltado o seu casaco na rua, talvez como forma de protesto inconsciente. Tal

fato gerou uma fixação por casacos. Ele confessa que passou a vida comprando casacos exagerada e inconscientemente, e com uma esperança confusa de encontrar aquele casaco esquecido naquela ocasião e todas as memórias envolvidas, principalmente no que se refere à sua mãe, para ele a inesquecível “mãe judia”.

### **Considerações finais**

Por meio dessa pesquisa, verifica-se que a autorreferência está muito presente quando Scliar elabora seus textos de diversos gêneros, mas, principalmente, nas suas crônicas. Por se ter o objetivo de procurar verificar o enfoque que o autor dá às mães em todo o conjunto da sua obra de cronista, além dos livros do autor, foram consultados os textos scliarianos publicados no site do escritor e no portal digital do jornal *Zero Hora*, para o qual o ficcionista contribuía. Assim, procedeu-se ao levantamento de suas crônicas publicadas e não publicadas em livros, o que constitui um aporte à fortuna crítica do escritor. Nem todas as crônicas sobre maternidade foram mencionadas nesse artigo, pois, por serem muitas, se entendeu que apenas citar os títulos delas sem realizar análises não seria algo coerente. Mas, com o corpus obtido, a intenção é continuar desenvolvendo estudos nessa linha de investigação.

A metodologia dessa investigação constituiu-se primeiramente em separar todas as crônicas que abordavam aspectos da maternidade, para, depois, destacar os textos que tematizavam a “mãe judia” quando esta estava atrelada à figura da mãe de Scliar. Assim, constatou-se que no conjunto das crônicas de Scliar há textos que abordam a temática da mãe judia sem que o escritor esteja se referindo a sua mãe. Foi verificado que Scliar escreveu sobre mães/maternidade de 1988 (p. ex. o texto “História de mãe”) até 2010 (p. ex. o texto “Mães e antimães”). Como ele faleceu em 2011, observa-se que durante todo esse período a questão das mães interessou ao escritor.

Algo muito relevante foi conhecer as origens do “conceito” da “mãe judia”. Scliar explica que esse conceito surgiu entre o final do século 12 e início do século 20. Diante das repressões aos judeus, expõe-se que a mãe judia é a genitora que ficava encarregada pela casa e pelos filhos enquanto o chefe de família, de profissão humilde, trabalhava fora de casa. A partir disso, essa mãe desenvolveu um perfil de mulher ansiosa por diversas razões como a pobreza, as doenças e as ameaças constantes. A precariedade da existência traz a necessidade de proteger, cuidar, abrigar, defender, prover, sobretudo - alimentar. Tais fatos trazem então a ideia de superproteção e superalimentação.

Quanto à tematização da mãe judia em suas crônicas, observa-se que Scliar tinha muito apreço por esse assunto, não somente porque ele se dedicou a divulgar aspectos da cultura judaica – como se nota em muitos dos seus ensaios – mas também por causa das questões autobiográficas: os cuidados inesquecíveis de sua mãe, uma autêntica “mãe judia”, ficaram perpetuados na sua mente e na sua literatura de exímio contador de histórias.

## Referências

COUTINHO, Afrânio. Ensaio e crônica. In: COUTINHO, Afrânio. (Org.). *A literatura no Brasil*. v. 6, 7. ed. rev. e atual. São Paulo: Global, 2004. p. 117-143.

DERRIDA, Jacques. *Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida*. Tradução de Marileide Esqueda. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

FISCHER, Luís Augusto (Org.). *Moacyr Scliar*. São Paulo: Global, 2004. (Coleção Melhores Crônicas / Direção Edla van Steen)

Moacyr Scliar – 16/08/2010. Entrevista concedida ao Programa Roda Viva. Disponível em: <https://youtu.be/LARRXzsmvGI>. Acesso em: 07 out. 2021.

Moacyr Scliar – Perfil do acadêmico – Página da Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/moacyr-scliar/biografia> –. Acesso em: 05 nov. 2021.

REMÉDIOS, Maria Luiza. *Literatura confessional: autobiografia e ficcionalidade*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

SCHNEIDER, Talita Felix. Moacyr Scliar: contador de histórias e formador de leitores. In: Anais XI Semana de Letras PUCRS. Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/anais/XISemanaDeLetras/pdf/talitaschneider1.pdf>. Acesso em: 24 out. 2021.

SCLIAR, Moacyr. *A poesia das coisas simples: crônicas*. Organização e prefácio de Regina Zilberman. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SCLIAR, Moacyr; FINZI, Patrícia; TOKER, Eliahu. *Do Éden ao divã: humor judaico*. 5. ed. São Paulo: Shalom, 1991.

SCLIAR, Moacyr. *Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar*. 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 1996. (Coleção A leitura é uma aventura).

SCLIAR, Moacyr. *Território da emoção: crônicas de medicina e saúde*. Organização e prefácio de Regina Zilberman. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

SCLIAR, Moacyr. Mães e antimães. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/noticia/2010/05/moacyr-scliar-maes-e-antimaes-cjpmnsnzdl011xvtcn1nkieea1.html>. Acesso em: 7 out. 2021.

SCLIAR, Moacyr. O casaco perdido. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/noticia/2009/12/moacyr-scliar-o-casaco-perdido-cjpn0dpon01b7aqcnmo40e2od.html>. Acesso em: 7 out. 2021.

SCLIAR, Moacyr. *O imaginário cotidiano*. 2. ed. São Paulo: Global, 2002.

SCLIAR, Moacyr. O ocaso da mãe judia. Disponível em: <https://www.moacyrscliar.com/cronicas/o-ocaso-da-mae-judia/>. Acesso em: 12 nov. 2021.

SCLIAR, Moacyr. *Mãe judia, 1964*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. (Coleção Vozes do Golpe).

ZILBERMAN, Regina. Do Bom Fim para o mundo: entrevista com Moacyr Scliar. *WebMosaica: revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall*, v. 1, n. 2, p. 116-120, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CCoQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.seer.ufrgs.br%2Fwebmosaica%2Farticle%2Fdownload%2F11987%2F7128&ei=uwt7U63bG8SBqgbEp4H4CA&usg=AFQjCNE68PxXEbR5VSKFGeWVYgkBaOKliQ>. Acesso em: 12 nov. 2021.